



ARTUR CHINELATO

MINI TERRA, MAXI LEITE

Quando conhecemos 'seu' José, ele cortava capim-elefante passado para alimentar as vacas, como muitos produtores de leite, que repetem esse mesmo ritual de agonia e sofrimento, para ambos. Quando a capineira própria acabava, saía comprando capineiras velhas dos vizinhos ou cortando capim de beira de estrada. Estava conformado com a situação. Afinal, o que esperar de uma propriedade com 1,5 ha de área total?

Muito religiosos, ele e dona Glória, sua esposa, não se esqueciam de agradecer e pensar nos mais necessitados. Foi assim que decidiu doar parte do terreno (10% da área) para a construção de uma igreja e de uma escola – temos que pensar no futuro! –, dizia ele, quando lhe perguntavam o porquê de ter feito tal doação. Ele complementava dizendo que tinha terra demais e que era preciso ajudar os outros.

O casal acumulava dívidas com parentes e bancos, na corrida por dinheiro para comprar ração para as vacas, com a esperança de que o milagre do leite se fizesse. Este até aparecia em maior quantidade, mas as contas vinham juntas. Como o ganho era pouco – a propriedade não produzia mais do que 80 litros diários nas melhores épocas –, o futuro era incerto.

Numa tarde de junho de 2004, enquanto 'seu' José foi ter com a lida diária, dona Glória, a convite da veterinária Danielle, da prefeitura local, foi a uma reunião organizada pela Cati em outra propriedade de Jacareí-SP. Lá chegando e ouvindo

a conversa, dona Glória sentiu um alento em sua alma. Era esse o caminho a ser seguido. Na volta para casa pôs a disposição seu sítio para que o trabalho fosse feito.

– Na primeira visita que fiz à propriedade, relata a veterinária –, tive a visão de um confinamento com animais atolados no esterco e na lama até a metade das pernas, e de uma coleção de problemas com mastites e infecções nos cascos. Um cenário de horror!

Quando os outros técnicos visitaram a propriedade, ficaram também assustados, pois, além de muito pequena, pouco mais da metade da área se encontrava em terreno com declividade acentuada. Mas como o que importa no Programa Balde Cheio não é a condição de trabalho, nem os recursos existentes, mas, sim, a disposição do produtor em querer mudar o rumo de sua vida, o desafio foi encarado. O sonho da família era chegar a produzir 150 litros por dia de uma forma que ganhasse dinheiro.

Logo nos primeiros meses de trabalho, 'seu' José teve um problema sério na coluna. Era a cobrança feita pelo corpo depois de tantos anos de trabalho pesado. Como não podia nem se levantar da cama, teve de emprestar suas vacas para um vizinho por um período de 40 dias. Foi um tempo das trevas. A propriedade per-

deu a pouca renda que produzia, e das nove vacas que foram emprestadas, duas morreram e as outras retornaram em condição de miséria. A produção não chegava a 40 litros por dia. Mas como as pessoas que estão no campo, são, acima de tudo, fortes e têm muita fé, se levantaram, deixaram as tristezas de lado e continuaram. O tempo é um santo remédio para todos os males.

Com muita dificuldade, conseguindo um pouco de esterco aqui e acolá, com a ajuda das entidades e de vizinhos, e a compra de um pouco de adubo, conseguiram plantar um canal de 0,2 ha e transformar a capineira em piquetes de capim-elefante. Suas vacas não queriam entrar nos tais piquetes, porque além

de muito pequenos (ao redor de 150 m² cada um), todas as vezes que elas entraram sorrateiramente na capineira, 'seu' José as enxotava. Ressabiadas, entram, e algumas delas chegaram mesmo a se emocionar, deixando rolar um lágrima no canto dos olhos. Estavam no paraíso!

A produção de leite começou a reagir e, o que era melhor, sem o uso abusivo e irracional do alimento concentrado. Isso, além de significar mais dinheiro no bolso, acendeu a chama da esperança que passava a iluminar o caminho da felicidade.

Desfez-se de algumas

vacas para perfurar um poço, a fim de ter água de qualidade a oferecer às vacas e ainda irrigar a pastagem para reduzir o máximo possível o tempo de utilização da alimentação fornecida no cocho, que, além de ser mais cara, exigia esforço da coluna de 'seu' José.

O tempo passou, ele implantou mais piquetes, agora, da grama tifton, e em maio de 2007, houve outra guinada no rumo da propriedade. 'Seu' José, de uma vez só, trocou suas quatro vacas por dez novilhas pretas, ficando um restante da dívida a ser pago quando elas parisssem. As novilhas criaram, e sua produção chegou ao patamar de 220 litros diários.

Não cria nem os bezerros nem as bezerras, pois o espaço é reduzido. Quando houver necessidade de trocar ou comprar outra vaca, recorrerá aos vários bons rebanhos existentes no Vale do Paraíba. Em 2008, a propriedade gerou uma renda líquida mensal pouco acima de R\$ 1.000 e vem pagando suas dívidas. O objetivo da propriedade agora é atingir uma média de 250 a 300 litros diários. Em quanto tempo? Sei lá! Isso é que menos importa!

Quem quiser conhecer o Sítio Nossa Senhora do Carmo e atestar a veracidade da história, entre em contato com a veterinária Danielle Daher Pereira de Souza, da prefeitura de Jacareí-SP, pelo telefone (12)3951-9911 e agende visita.

Artur Chinelato de Camargo,
da Embrapa Pecuária Sudeste - São Carlos, SP;
e-mail: artur@cpps.ebrapa.br.

O que importa não é a condição de trabalho, nem os recursos existentes, mas, sim, a disposição do produtor em querer mudar o rumo de sua vida